

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam..

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA

LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
(triumphi Ecclesiae) ... in Christo Jesu.

id. 13, 14.

A memoria da Irmã Hospitaleira,
fallecida em Guimarães



Maria das Mercês,
no dia 23 de janeiro de 1884

Como definir e historiar todo o teu mysterio d'amor, a tua muda e pathetica expressão, e essa antithese de affectos, que em ti se fundem e harmonizam, ó pranto melancolico da saudade?...

(Padre Senna Freitas—*Escriptos catholicos d'hontem.*)

DIANTE da cruz que aqui erguemos, e junto d'um tumulo ha pouco fechado vimos hoje balbuciar uma prece, e de pór uma corôa de saudade, orvalhada com o pranto que nos inunda as faces.

Oremos diante da cruz, symbolo de paz e liberdade, o aljofreinos com lagrimas a campã ingrata, que nos esconde uma primavera de mulher, que se antepõe entre nós e um anjo de abnegação, de amor, de caridade. Pranteemos a morte de uma Irmã da Caridade, de um d'esses anjos que, deixando o mundo, se escondem nas dobras do habito da penitencia e seguem o caminho encastado pelo Pobre d'Assis, ensanguentando o corpo nos enredados silvedos do mundo, calcando, com o desprendimento das cousas da terra, que a Fé ensina, todas as ingratidões, que esquecem, que desprezam, para verem tão sómente a desgraça que lhe abre os braços, a miseria que as chama para junto do seu leito de doras, a ignorancia que se lhes aninha ao pé pedindo instrucção, a innocencia que lhe pede afagos e carinhos de mãe. Pranteemos a morte de uma Irmã da Caridade, porque é mais uma folha cahida d'essa arvore gigante, plantada ha dezoito seculos ao lado da cruz e que com seus ramos frondosos tem coberto o mundo, servindo de albergue ao viandante nas asperezas dos Alpes; dando gasalhado o mãe ás creancinhas que o selvagismo indiano, e a fereza estúpida dos selvagens da Europa expõe nas ruas, á borda dos caminhos, perto das torrentes caudalosas dos rios; dando um leito e os cochegos do lar ao pobresinho que não tem leito nem lar; conduzindo pela mão, a porto seguro, consciencias extraviadas, que se não fosse ella, essa arvore do christianismo, a Caridade, pereceriam no perigo, morreriam antes do arrependimento. Pranteemos a morte de uma Irmã da Caridade, da Irmã Maria das Mercês, joven de 22 annos, ha pouco chegada a esta cidade, vinda de Villa do Coude, onde teimosa doença se lhe agravára.

De ao pé de suas irmãs residentes no Azylo da Nossa Senhora da Consolação foi a Irmã Maria das Mercês levada para o hospital da Misericordia, onde falleceu no dia 23 de janeiro ás onze e meia horas da noite, rodeada das irmãs que na Santa Casa tantas consolações entornam em meio dos infelizes que a enfermidade ali leva.

A expensas da mesa da Santa Casa fizeram-se na igreja dos Capuchos no dia 25 pomposos officios por alma da Hospitaleira fallecida, a que assistiu a mesma mesa, grande numero de irmãos, a Ordem Terceira de S. Francisco, e todas as Irmãs Hospitaleiras com residencia n'esta cidade, em numero de trinta, sob a cruz que uma d'ellas arvorava, terminando o funebre acto depois da uma hora da tarde, sendo em seguida conduzido o cadaver ao cemiterio, acompanhado de quatro Hospitaleiras que o depositaram no jazigo da piedosa familia Amaral Ferreira, que para isso o offereceu, sendo tambem acompanhado pelo capellão do hospital, mesa da Misericordia, e mais pessoas, formando um cortejo de dez carruagens, que em todo o transito foram rodeadas por centenares de pessoas que, assistindo aos officios na igreja, quizeram acompanhar á ultima morada os restos mortaes de uma amiga dos pobres, de um anjo de caridade.

Deos tenha na Gloria a Irmã Maria das Mercês, e lhe recompense os seus trabalhos terrenos com a corôa da gloria e palma do martyrio, e que ella peça por nós ao Senhor 'Todo Poderoso, assim como nós pedimos a todos os leitores do *Progresso Catholico* uma prece por sua alma.

Esquecia-nos dizer que o cadaver da Irmã fôza conduzido ao cemiterio no carro mortuario da Camara, e, dando esta noticia,—perdon-nos Deos,—não podemos deixar de fazer cair, no pé das lagrimas da saudade que aqui vertemos, lagrimas de indignação, pela maneira pouco christã como audou por esta occasião a Mesa da Ordem Terceira de S. Francisco. A Irmã Maria das Mercês era irmã professa na Ordem Terceira de S. Francisco, e como tal tinha direito a que sua alma fosse suffragada e seu corpo enterrado como é uso e costume fazer-se a todos os irmãos da Ordem. Que o Ministro e mais mezarios não assistissem ao acto do enterro, como fizera o Provedor e mais mezarios da irmandade da Misericordia, vá; mas que uma irmã terceira fosse conduzida ao cemiterio em carro que não o da casa, isso é que se não pôde tolerar, sem que se apode a mesa da Ordem de irmãos respeitadora das leis da corporação a que preside.

Porque, ainda que a Irmã fallecida não fosse professa na Ordem Terceira, era bastante ser companheira das Irmãs que dirigem o hospital de S. Francisco; e se não havia um dever a cumprir, devera haver a gratidão e reconhecimento pelos serviços que a casa deve a esses anjos da caridade.

A mesa de S. Francisco não lavou ainda a noção que uncha o habito franciscano, desde que um seu empregado insultou a Ordem na pessoa de algumas irmãs hospitaleiras a quem dirigiu publicamente grosseiros insultos, e por isso, e para mostrar que não foi connivente nos actos do seu empregado, devera procurar e aproveitar todas as occasiões para fazer não só o seu dever, com respeito ás benemeritas hospitaleiras, mas até envidar todos os esforços para mostrar o quanto lhe é devedora, o quanto as deve respeitar, já que não tem coragem, como devia, de pôr na rua o estulto empregado. O proceder da Ordem n'esta questão, se não offendeu as Irmãs, porque ellas não olham para tão pequenas cousas, menosprezou uma corporação das mais respeitaveis do paiz, e insultou ao mesmo tempo a pobreza, que essa corporação symbolisa, humilhando tambem aquelles que não nasceram sob dourados tocos, que não tuem condecorações, nem ostentam titulos nobiliarios. E releve-nos a Ordem Terceira de Guimarães, que lhe digamos francamente:—quando o orgulho, a maldade ou a estupidéz humilham os pequenos, ou offendem quem não pôde nem quer defender-se, esse acto, além de anti-christão e indigno de corporações religiosas, é, não só covarde, mas vil, e a covardia e a vileza, não se casam com a Regra de S. Francisco.

A REDACÇÃO.

SUMMARY: — A MEMORIA DA IRMÃ HOSPITALEIRA, MARIA DAS MERCÊS, pela Redacção. — A QUESTÃO SOBRE O LIBERALISMO CATHOLICO DOS CHAMADOS LIBERAES, pelo Padre João Antonio Velloso. — SECÇÃO RELIGIOSA: Vaticano, por Dom Antonio d'Almeida; *Os frades e as nossas provincias ultramarinas*. — SECÇÃO HISTORICA: A Igreja de Braga, IV, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz; *Outro manuscripto — O soisma da Igreja de Braga*, pelo Padre Alfredo Elviro dos Santos. — SECÇÃO CRITICA: *Coisas! Coisas!*, por um leitor do gazetas. — SECÇÃO LITTERARIA: *Deos e a natureza*, poesia por E. E. P.; *Aventuras de um solitario*, verso de M. C. — SECÇÃO ILLUSTRADA: A Cathedral de Rochester, por R. — SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA: *Os Frades*, por A. Moreira Bello. — RETROSPECTO DA QUINZENA, por Dom Antonio d'Almeida e J. de Freitas.

GUIMARÃES 15 DE FEVEREIRO DE 1884

A questão sobre o liberalismo catholico dos chamados liberaes

Não sahe da tela das discussões a questão do *liberalismo* pseudo-catholico como se ainda restasse duvida sobre a condemnação dos multiplices erros que a palavra *liberalismo* abraça e compendia.

A confusão das ideas, os equívocos, e tambem os preconceitos politicos são sem duvida a causa dessas irritantes polemicas, que fazem gemer os prelos e desconcertar os contendores.

A decisão da Igreja sobre o *liberalismo* é hoje bem conhecida.

O *liberalismo* não é uma fôrma governativa; não é a fôrma monarchica pura ou temperada, não é a polyarchia ou a republica ou outra qualquer fôrma de governação.

O *liberalismo* é uma doutrina erronea, é uma theoria falsa, é um erro monstruoso, condemnado pela sã philosophia, e pela authoridade infallivel da Igreja. O *liberalismo* é a grande heresia dos tempos modernos; e os seus sequazes uma seita anticatholica. Como falsa doutrina elle pôde ter proselytos em todos os governos, e em todos os partidos, seja qual fôr a fôrma governativa, que adoptem ou prefiram.

O erro fundamental da seita liberal, o principio gerador de todos os erros e de todas affirmações e theorias do *liberalismo* — é a negação do direito divino sobre a sociedade civil, ou sobre os Estados; e como consequencia a negação da Igreja catholica apostolica romana, fundação do Christo Senhor, Redemptor da humanidade. O Estado sem Deus, e a igreja como não existente.

Deus não tem nada com o governo dos Estados; e como o Estado é *livre* tem direito a governar independente de qualquer vontade ou leis superiores dadas por Deus.

A Igreja poderá viver querendo conformar-se com as leis do Estado e sujeitando-se os bispos e os fleis á vontade dos governantes ou ás leis civis. Lei ecclesiastica, direito canonico, decretos dos concilios e bullas pontificias fica tudo subordinado ao poder civil, nada tem valor sem o *beneplicito* do governo liberal.

Negação do direito de Deus, negação

do direito de Jesus Christo, negação do direito da Igreja, negação de todo o catholicismo eis a base da doutrina do *liberalismo*.

O governo liberal ou sectario do *liberalismo* não reconhece o dever de obedecer a Jesus Christo nem de escutar a Igreja, a grande Mestre da humanidade.

Como pôde em vista de tal doutrina chamar-se catholico o *liberalismo*? O *liberalismo* é um erro, e o erro não pôde ser catholico; o *liberalismo* é o erro de uma seita, e nenhuma seita pôde ter a catholicidade por devise.

Só pôde ser catholica a doutrina que é verdadeira e divina, e por isso o *liberalismo* que é o erro não pôde denominar-se *catholico*.

Pio IX o grande profligador dos erros modernos viu que o *liberalismo*, parto monstruoso do racionalismo, como o protestantismo, desvairava e corrompia as multidões com suas theorias coloridas de *liberdade*, e excitava todas as paixões, e todos os odios contra a Igreja; viu que os embaidores liberaes para chegarem aos seus fins politicos procuravam armar à credulidade popular, fingindo-se respeitadores da doutrina catholica, mas propalando por todas as fôrmas os principios subversivos e anarchicos do *liberalismo*: viu o perigo que ameaçava a sociedade christã, e para d'um só golpe matar a hydra, enfeixou todos os erros e theorias do *liberalismo*, e vibrou sobre todas o gladio da reprovação. Fulminou o monstro e deixou-o prostrado para sempre.

O feixe dos erros liberaes condemnados pelo Doutor infallivel é o *Syllabus*.

Ferido de morte o *liberalismo*, ainda os seus adeptos conservaram o nome de catholicos, porque a Igreja não pronunciou sobre estes anathema; mas é claro que o catholico sincero, o subdito fiel da Igreja não pôde deixar de condemnar o que a Igreja condemna, e por isso de repellir e reprovar as doutrinas do *liberalismo*.

Os liberaes ou antes os sectarios do *liberalismo* não podem ter-se na conta de fleis catholicos, por que não ouvem a Igreja, não acceitam o seu ensino, e neste sentido a denominação de *catholico liberal* não só é absurda, é tambem detestavel: é uma ironia insultante. Não ha *catholicismo liberal* nem *liberalismo catholico*.

Os que querem que a Igreja se con-

forme com a falsa civilização e progresso moderno querem o absurdo e o impossivel.

A Igreja não aprende dos seculos nem dos homens. E' mestra da humanidade, e para o ser recebeu toda a sciencia que lhe era necessaria. Gosa além d'isso d'uma assistencia indefectivel do Espirito Sancto, e d'uma prerogativa que torna o seu ensino não só certo e seguro mas até infallivel.

Não deve o christão, o bom discipulo de Jesus Christo esperar que a Igreja pronuncie anathema sobre os sequazes do *liberalismo*, como já pronunciou sobre a doutrina liberal, para abjurarem as *idéas liberaes* ou filhas do *liberalismo*.

A Igreja é sempre moderada e benigna para com as pessoas, e só é severa e terrivel para com o erro. Condemnou as idéas liberaes e preveniu os fleis. Fez ver a todos que os principios e theorias do *liberalismo* estavam em opposição com a doutrina revelada, e desilludiu os sectarios.

Mais tarde condemnará, se lhe aprouver, os reluctantes, os que forem rebeldes ao seu ensinamento, os que não ouvirem a sua voz; mas não aguarda o bom christão, o servo fiel e docil, a comminação da pena para se submeter. Só temos um Mestre que é Jesus Christo ou o seu Vigario, cuja fé e magisterio elle sustenta, como affirmou a Pedro: «Eu roguei por ti para que a tua fé nunca falleça.»

Se se acredita na palavra do Mestre e se aceita integra a sua doutrina estamos na verdadeira fé; se cremos uma parte e rejeitamos outra mutilamos a fé e perdemos o nome de catholicos.

O politico se seguir o *liberalismo* torna-se como protestante; e o liberal, que se diz catholico, mente a si mesmo, e contradiz-se.

Releva porém evitar a confusão das palavras e os preconceitos de partido.

Entre nós chama-se *liberal* ao que sustenta e defende como legitima a outthorga da Carta do snr. D. Pedro 4.º, e a dynastia reinante; ao que se oppõe o *legitimista* que nega o direito d'ambas contrarias ao direito nacional prestabelecido.

Não é, evidentemente no sentido politico da palavra, mas como sectario de doutrina reprovada que a Igreja reprehende o *liberal* que se diz catholico.

Ao partidario da Carta e da dynastia

chamaríamos mais propriamente—*constitucional* ou antilegitimista.

E definido assim o liberal todos os partidos podem ter d'esta lepra. Carregam porém os partidarios da Carta ou os constitucionaes com o odioso do nome, mas, em verdade são elles mesmos os culpados.

Não querem ser tidos como sectarios do liberalismo mas tem dado e estão dando sempre provas e argumentos aos seus adversarios politicos para os apodarem, por escarneo, de *liberaes catholicos* ou os peiores catholicos como os caracterisou Pio IX.

Ha argumentos inconcussos que os constitucionaes não podem destruir, e que os accusam de liberaes ou inimigos do ensino catholico. São os factos.

Todos os governos que tem tido este paiz, ha cincoenta annos seguiram o *liberalismo*. Temos sido governados mais pelas idéas liberaes do que pela Carta, e muitos governantes se tem jactado publicamente do seu *liberalismo*. Isto é innegavel.

Embora se digam catholicos, e o sejam até na vida particular. Na vida publica, na vida politica tem apoiado o liberalismo dos governos, tem-se ligado aos inimigos da Igreja, tem sido conniventes pelo silencio, pela indifferença, ou pela coadjuvação directa ou indirecta, n'esta guerra que ha cincoenta annos se faz á Igreja, ao seu ensino, á sua disciplina e a sua propriedade e direitos sagrados.

Os factos os accusam altamente como mostraremos.

P.º JOÃO ANTONIO VELLOSO.

Secção Religiosa

VATICANO

COMO em todos os annos, por occasião da Festa do Natal, Sua Santidade Leão XIII recebeu as felicitações do Sacro Collegio Cardinalicio, e agradeceu-as o Soberano Pontifice com as expressões fleis á grandesa de Seus sentimentos, e tambem adequadas á glorificação e sustentação dos Principios Eternos, da Doutrina da Santa Igreja, dos Direitos da Santa Sé; e deplorando os males feitos pelos inimigos da *Verdade* e o progresso de taes males! «Bem opportunos sam os votos que fazeis pela paz! pois que a raiva implacavel e perfidia dos inimigos da Igreja contra esta, e contra a Pessoa do Papa, não permittem aquella alegria serena com que de costume se fazia a — commemoração do anniversario do Nascimento de Jesu-Christo.» Disse o Vigario do Redemptor Divino, na occasião mencionada; e disse tambem: «E' doloroso para o Nosso coração, como para o

vosso, vêr como a Augusta Religião e Igreja Esposa Mystica de Christo sam atacadas, mesmo nas Nações mais catholicas, e como tal espirito de hostilidade visa a tirar á Igreja toda a influencia social, a diminuir-Lhe seus direitos, a tornar-Lhe sobranamente dillicil sua Missão Divina:—Aqui toda a occasião que se apresenta é aproveitada para novas offensas. Toda a manifestação publica de religião para *entreter* e excitar no povo italiano o sentimento catholico, a dedicação ao Papa, é objecto de opposição, de escarneo, de ridiculo, como se verificou quando as duas ultimas e recentes Pergrinações do Clero e seculares italianos; palavras insultantes, novas ameaças, novos ultrages fôram lançados contra Nós.» E' de este modo que é cumprida a *lei das garantias*, que mesmo antes de ser *lei* foi *criticada e julgada* por Pio IX com este pensamento—«*Quem me «garante» assegura as «garantias» seguranças?»*

Pio IX não quiz reconhecer tal *lei* nem a reputou de qualquér modo *Séria*; e Leão XIII pensa do mesmo modo, pois que *O Papa* é sempre *O Mesmo!* Proseguiu em Seu discurso Sua Santidade assim: «As seitas que—dominam agora em Roma, hão procurado fazer reviver na alma de seus adeptos a raiva profunda que os anima contra a Igreja, e a excitá-los a uma guerra geral e mais audaciosa. O quarto centenario de Luthero forneceu de preferença á má imprensa na Italia uma ampla materia para odiosas accusações e sangrentas injurias contra a Sé-Apostolica. Não tiveram vergonha de elevar até ao céu este impio apostata; e o principal titulo dos elogios, que lhe renderam, foi sua rebelião aberta contra a auctoridade da Igreja Catholica e a lucta violenta que elle travou contra o Papado.» A simples honestidade seria bastante para não fazer passar por um *heroe* um homem que se rebelou *por notoria soberba* e que despiu um *Habito de penitencia* para envolver o vestido da Sensualidade! Continuou o Soberano-Pontifice: «E hoje não faltam os symptomas de um futuro ainda peor. Todos os males practicados até agora em prejuizo da Igreja e da Santa Sé não bastam para satisfazer os desejos do inimigo. Disse-se e repetiu-se que as medidas adoptadas contra Ellas até aqui têm sido excessivamente doces e excessivamente benevollas. Ora toda a gente sabe que estas medidas têm sido totalmente funestas á Igreja que nada lhe têm poupado: nem seus direitos, nem suas leis, nem sua liberdade, nem a independencia de seu Chêfe, nem seus ministros, nem os institutos religiosos, nem seus recursos materiaes. Que mais dura prova ha pois a esperar-se para depois, se Deos, na profundidade de Seus Juizos, permittia á audacia dos inimigos

o prevalecer? Aos ataques de fôra se ajuntam as vergonhosas defeccões de uns, os artificios insidiosos e os indignos escriptos de outros,—pelos quaes filhos esquecidos e ingratos, queriam fazer cahir sobre sua Mãe, que tem soffrido e soffre cruelmente, a responsabilidade dos males que Nós choramos, em vez de os fazer recahir sobre os homens que só pensam aviltal-a e ultrajal-a.»

O Padre Santissimo reprehende taes homens e ao mesmo tempo faz vêr até onde chega a perfidia de elles. Assim como o bem que é feito augmenta em valor assidental segundo o modo bom como é *practicado*; assim tambem o mal se torna mais grave em razão da maneira como é *exercitado*. Os inimigos de Deos, do Papa e da Igreja, da *Sociedade* e *Familia*, e ainda das individualidades e propriedade, fazem hoje o mal pelo peor modo que podem! Concluiu Sua Santidade Leão XIII com os seguintes pensamentos: «No meio de tantas luctas violentas e agitações profundas não se é excessivo em desejar muitissimo a paz. Nós, na humildade da Nossa alma, Nós a imploramos e imploraremos especialmente comvosco n'estes dias áquelle Rei pacifico que trouxe aos homens Sua paz vindo ao mundo e que lhes deixou Sua paz deixando-o. E' com estes votos mutuos e com a paternal benevolencia que Nós vos Abençoamos, Senhor Cardinal Decano, a todos os membros do Sacro-Collegio e mais pessoas presentes.» Aqui ficam veneradamente reproduzidos os dictames douctrinaes, e os protestos de Justiça com as condemnações justas, que da *Bocca Infallivel* sahiram n'aquella hora alludida. E' dever dos Catholicos conservar as Palavras do Successor do Primeiro Vigario de Christo na terra, do Papa ou de essa Entidade, que nos seculos passados, no presente e nos futuros, não pôde ter differença; e conservando-«As» nós podemos e devemos fazer com que a outros sejam transmittidas para que esses tambem «As» conservem e transmittam, e assim cheguem *a todos*. E' o Papa o Pai-Universal em Jesu-Christo e assim é mister que a universalidade dos filhos «O» ouça, e de isto depende o ouvir-se a «Voz de *Commando*» para a Salvação do horroroso naufragio em que está a *Sociedade!* a *infernall vozaria* de este não domina a celestial força da «Voz Papal» e esta *fará muda* aquella!

8—1—84.

DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

P. S.—Apareceu uma incorrecção no artigo—*Drapeau Noir*, publicado na folha—*O Progresso Catholico*—de 15 de Janeiro de 1884. Fallando nós da *Borquezia*, e fazendo-a responsavel da *Revolução*, e dizendo que Deos premeia ou

castiga as *collectividades* n'este Mundo, e como era punivel a *collectividade*—*Borghesia*—por seus peccados e impenitencia, dissemos, ao fechar o primeiro e longo periodo de aquelle *artigo*—*a... e a Borghesia, que é uma collectividade, tem peccados graves e está pertinaz!* appareceu impresso *sem em vez de tem*.

D. A. DE A.

Os frades e as nossas provincias ultramarinas

Não querem; estes nossos homens da governação, não queiram frades, embora o nosso poder colonial vá pela agua abaixo! Que importa que as nossas colonias desapareçam, que o direito de Padroado na India deixe de existir, que Portugal fique em condições de ser uma provincia de Hespanha? Que importa tudo isso? O que se não quer é frades, o que a toda a força se hade impedir é que os conventos se restabeleçam.

Fortes patetas, que assim vão perdendo o paiz, encaminhando-o em breve para a perda de sua autonomia!

Ao brado que por vezes tem ecoado no continente vem juntar-se agora o ecco de uma voz auctorisadissima, que pede frades para sustar na sua queda o nosso poder d'além-mar. Referimo-nos à notavel representação, dirigida aos deputados pelo Ex.^{mo} e R.^{mo} Snr. Vigario Capitular de Macau, Francisco Alves Morgado Junior. É um documento precioso, e que deve, quando não mais, pelo menos fazer córar de vergonha os que, em nome da *liberdade*, roubam a liberdade e com ella a gloria da nação.

Eis a representação:

«*Senhores Deputados da Nação Portuguesa!*—Portugal em breve verá desaparecer o seu colossal ultramar, esses restos de tantos sacrificios, esses padrões de tanta gloria, esse manancial de riqueza publica, que as paixões partidarias e as conveniencias pessoas ha sacrificado, se não forem, sem perda de tempo, para ali enviados missionarios, a fim de civilisarem aquelles povos, outr'ora em grande parte christianisados!...

Ao passo que a Gran-Bretanha e a Hollanda caminham, marcham, e progridem, desempenhando a missão civilisadora que a Providencia lhes destinára, Portugal, qual decrepito encostado ao bastão de Fidelissimo, envolvendo-se nas dobras da bandeira que fluctuou ao sol das batalhas gloriosas da independencia, levanta de tempos a tempos a fronte enrugada pela lembrança do passado, enviando às suas colonias alguns padres, que, quaes condemnados, lança

em presídios de esquecimento fornecendo-lhes com custo a mesquinha sopa economica!...

Quando, senhores deputados, deixará a Portugal a febre dos partidos que o devora e se apresentará firme e imponente, qual em Aljubarrota, arvorando o pendão sacrosanto das triumphantes Quinas, que à custa de immensos sacrificios e arrojado patriotismo a Providencia lhe confiára?! Quando?!

Urge pôr termo a tantos males, que arrastam à total anarchia a nossa mãe patria, esse berço de tantos heroes, essa terra fidalga, que pela espada e pela cruz avassalou o mundo inteiro!

A questão das nossas possessões ultramarinas é, sem duvida, uma questão de vida ou de morte para a nossa independencia.

Um brado sinceramente patriota, solto do alto de S. Bento perante a patria de D. Alfonso Henriques fará recordar que a nação do conquistador a par dos Albuquerque, Cunhas, Castros e outros, enviára tambem às suas vastissimas possessões, um Xavier, um João de Brito e muitos outros.—E se aquelles souberam vencer com o *in hoc signo* das Quinas, estes souberam civilisar com o programma—*Docete omnes gentes*, guindando a patria ao apogeu da grandeza, que creou vassallos em todo o mundo.

Pois se os galleões, que partiam apinhados de soldados, voltavam à metropole carregados de riquezas, a voz do missionario penetrando entre o retumbar das bombardas e o troar dos canhões, subjugava mais corações do que a espada dos valentes generaes.—Verdadeira garantia da prosperidade futura.

Guerreiros justos e patriotas, missionarios santos e civilisadores, eis a grande cruzada que deu a Portugal o padrão luminoso da honra nacional!—O seu glorioso ultramar.

Cada catholico ultramarino era um fiel subdito da corôa brigantina, a quem prestava preito e homenagem de sincera gratidão christã.

Embora debalde se tente arrancar à Igreja a palma do poder civilisador, é forçoso confessar, que a cruz emplantada na Asia, na Africa e na Oceania, por mão portugueza, vingára mais vontades, do que o sabre e a bayoneta dos mais intrepidos guerreiros!...

Gôa, Malabar, Japão e a vice-provincia da China, eis os districtos em que se achavam divididas as missões portuguezas, quando el-rei D. João 4.º ordenou que houvesse em Lisboa um tribunal directo de missões de todos os nossos dominios ultramarinos.

Onde estão, dignos representantes da nação, os 53 reis vassallos de D. Manuel e de D. João 3.º?!...

Onde a prata do Japão, a seda e o ouro

da China, as perolas de Monor, os diamantes de Mosulpatão, os rubis de Pegu, a camphora de Borneo, o incenso de Cochim, os cavallos da Arabia e mil outros productos que fizeram de Lisboa a primeira capital do mundo?! Onde?!...

É preciso pois não fecharmos os olhos a verdades tão palpitantes; é necessario não sermos indifferentes à conservação e ao engrandecimento da patria fidelissima. Pois é um mau expediente de prova, quando considerando o esplendor e colossal desinvolvimento de nossa vida industrial e commercial, se olha o christianismo como indifferente, ou até como um dos impedimentos ao seu progresso!...

Se somos pequenos é porque Portugal não faz senão prolongar a agonia do primeiro quartel do seculo 17.

Se desejamos ser ricos e independentes empenhemonos em dar vida, força e vigor, como o allirma o nosso Garrett, ao mais bello florão da corôa portugueza—O Padroado.

Se o estado não tem meios para crear interesses extraordinarios, que convidem uma certa ordem de ecclesiasticos de saber e prudencia a civilisar o ultramar, legisle-se a readmissão de algumas ordens religiosas, e assim o selvagem e o idolatra da Africa, da India, da China e da Oceania abraçará a fé, convertendo a ociosidade em trabalho, fonte principal da riqueza e prosperidade de todas as nações; pois é incontestavel, que só o padre regular adquire, pela sua estabilidade, a sciencia e a pratica d'um sabio indagador, que nunca morre, transpondo seculos, tornando-se por tanto ponto central para a exploração dos reinos vegetal e mineral e principalmente do animal—O homem.

Na verdade, ao religioso se chegará um dia o seu prelado e lhe dirá: irmão, parte para os sertões, lá te esperam os perigos, as febres, os ardores do sol, em fim a morte; vae e morre, porque o teu sangue será semente preciosa de christãos, e o teu nome será um padrão immorredouro de civilisação: após ti, te seguirão os emulos da caridade, nos areaes do Coanza, nas margens do Zaire, nas praias febris de Dilly, nos palmares miasmaticos de Madrasta, nas montanhas da Cochinchina, formaremos um vergel ao Grande Civilisador da humanidade—Jesus Christo; e o padre, armando-se apenas do breviario, demandará alegre aquellas paragens, escolhendo por companheiros o indigena, o gentio, o infiel e o cafre, e por campo de seus trabalhos apostolicos as pedras negras do desterro!...

Mas que sam, senhores deputados, 6 ou 8 padres para Timor, para essas trezentas e cinco mil e mais almas, que fallam 15 linguas differentes?! Que sam 2 padres para Hainan, cuja população

não é inferior áquella?! Se isto não é um insulto aos nossos brios, é sem duvida uma completa illusão!!!

Não exageramos as tintas do quadro; reproduzimos com indulgencia as suas feições, como os factos infelizmente as retratam.

Senhores deputados da Nação! Em nome da religião, de quem sou ministro, em nome da patria de quem sou filho, em nome do pendão glotioso das Quinas que com sacrificio estou, no extremo do oriente, como chefe das missões do real padroado, sustentando, ordenae, que a bandeira portugueza seja em todo o ultramar o symbolo da verdadeira liberdade, e calculae depois as consequencias d'esse immenso facto, pois as experiencias sam ainda em demazia recentes, para d'ellas podermos concluir um resultado definitivo.

Quem produziu em 1640 esse movimento espontaneo de todos os braços coloniaes a estenderem-se anciosos, empunhando as armas para levantarem o pendão da liberdade quebrando assim o jugo idolatra que os chamava?... A livre associação religiosa.

Quem deu á espoliada Hollanda o restabelecimento da sua marinha, a recuperação do seu commercio e o rendimento considerabilissimo que, depois da errada anexação das provincias belgas a tornou independente?!— A civilisação de Java! A livre associação religiosa das ilhas de Sonda!» Eis o verdadeiro espirito de vida colonial.

Eis a alavanca poderosa e unica que ha de levantar o mundo deprimido do espirito!

Pretender em terra de infieis levantar egrejas, sustentar escolas, fundar asylos e hospitaes, em fim civilisar os povos, sem a associação religiosa, d'ambos os sexos, é querer o impossivel! E' crer um absurdo!

Dignos representantes da Nação! A livre associação religiosa—E amanhã teremos uma marinha respeitavel; no dia seguinte um grosso commercio; e logo, a independencia nacional!...

Macau 27 de Novembro de 1883.—O Vigario Capitular—Francisco Alves Morgado Jr.»

Sessão Historica

A EGREJA DE BRAGA

IV

PARA gloria immortal da Igreja primacial de Braga succedeu, como já dissemos, que S. Pedro de Rates fosse o seu primeiro Bispo, constituido aqui pelo Apostolo S. Thiago Maior.

E tambem foi o primeiro Apostolo da

Lusitania e o primeiro martyr das Hespanhas.

Coincidencia notavel e providencial! O primeiro Pontifice e Pastor universal da Igreja Catholica chamou-se Pedro, nome imposto pelo proprio Salvador, para mostrar que era a pedra sobre que estava fundada a Igreja. Assim tambem dispoz Deus que se intitulasse Pedro o primeiro Prelado das Hespanhas, base permanente da sua primazia, pois que aqui havia de perseverar firme a crença catholica romana.

Foi, portanto, S. Pedro de Rates o primeiro Bispo de Braga, Primaz de toda a Hespanha, Apostolo da nossa Lusitania, substituto do seu sagrado mestre S. Thiago.

Honra dos Pontifices, Pastor resplandecente, anchora inabalavel da fé, S. Pedro de Rates foi tambem o proto-martyr illustre das Hespanhas.

Este glorioso Prelado, pedra fundamental da Igreja de Braga, padeceu o martyrio no logar de Rates, que fica em distancia de 20 kilometros da séde da diocese, e que hoje é uma parochia denominada S. Pedro de Rates, no concelho da Povoia de Varzim.

Junto d'este logar, em um aspero e fragoso monte, fazia vida eremitica um santo varão, por nome Felix. Foi elle que enterrou o corpo do Santo Pastor que depois, em 1552, foi trasladado para a Cathedral de Braga pelo Arcebispo D. frei Balthasar Limpo.

Este Felix, de que acabamos de fallar, é a gloria immortal da Igreja de Braga; porque, ainda que não nascesse n'esta cidade, pertence ao seu territorio e diocese.

Foi este eremita não só o primeiro que com a sua presença e assistencia santificou os incultos desertos da Hespanha, abrindo larga estrada para que muitos o seguissem e imitassem no caminho da perfeição e na vida monachal, mas tambem foi o primeiro eremita de toda a christandade.

E não faça reparo o dizermos que S. Felix foi o primeiro eremita da christandade, quando a Igreja catholica chama assim a S. Paulo, monge nos desertos da Thebaida.

A prova da nossa asserção é clarissima: os antigos breviarios do Hespanha, e todos os auctores, que escreveram de S. Pedro de Rates, fallam do eremita S. Felix que vivia no monte de Rates, e falleceu pelos annos de 46.

Ora S. Paulo da Thebaida morreu no seculo iv.

Logo nenhuma duvida pôde haver de que o nosso S. Felix bracharense foi o primeiro eremita da christandade.

Se a Igreja chama a S. Paulo primeiro eremita, isto se deve entender que é seguindo a mais universal noticia que ha dos que viveram nos desertos

da Thebaida, Egypto e outras provincias orientaes, e não como definição ecclesiastica precisa de que não houvesse outro antes em alguma parte do mundo.

Ditosa, pois, é a provincia do Minho e a do Douro, não pela benignidade do seu clima, nem pela frescura saudavel dos seus ares, nem pela fertilidade e formosura dos seus campos, mas sim porque aqui, depois que veio ao mundo o Verbo Eterno, huihou, mais que em outras geralmente, a aurora do conhecimento de Deus.

Aqui resplandeceu a fé christã que divulgaram, primeiro que em outra parte, o Apostolo S. Thiago e seu discipulo S. Pedro de Rates, o primeiro Bispo e o primeiro martyr da Hespanha.

Aqui exerceu S. Felix no ermo, primeiro que nenhum outro, a vida contemplativa que depois muitos teem seguido.

Aqui floresceram muitos varões santos e eminentes em virtude que foram exemplo para o mundo, e que são o ornamento da Igreja.

Do Minho e da augusta Braga assim cantou um poeta moderno:

«Solo d'enlevos, onde a vida abraça,
Com terna graça, o castanheiro em flor!
Abre-me o seio, em que um vergel se apinha,
O' patria minha de encantado amor!

Quero cantar-te, como a rola, ausente,
Canta, plangente, os africanos ceus,
Como ella aspira no seu distante niuho,
Aspiro, ó Minho, aos attractivos teus.

Braga, a princeza de remota era,
Virtude austera ainda conserva o a fé;
E eleva as nuvens em padrões de gloria,
A nobre historia, de que herdeira é.»

E' assim que trovou em 1874 o famoso poeta Sebastião Pereira da Cunha.

Mas, se esta provincia e a sua capital, Braga, pelas suas bellezas e maravilhas naturaes, é o jardim de Portugal, e aqui collocaram os antigos os seus Campos Elysios, com mais justo titulo se pôde gloriar de ser a terra da fé e da virtude, em que teem sobresahido muitos dos seus filhos.

Alem dos que temos referido, são dignos de especial menção, entre outros, os seguintes:

S. Gonçalo de Amarante, assim chamado porque n'esta villa edificou uma ermida a Nossa Senhora, e reedificou a magestosa ponte sobre o Tamega.

A primeira ponte, que houve em Amarante, foi obra do imperador Trajano, pelos annos 106 da era christã, a qual, sendo destruida pelas guerras, foi reconstruida por S. Gonçalo, pelos annos de 1260.

Segundo o testimonho d'um escriptor coevo, a ponte de S. Gonçalo ainda existia em 1761; mas a ponte actual foi construida em 1790, no reinado de Dona Maria I.

S. Gonçalo nasceu na alleia de Arriconha, freguezia de Tagilde, comarca e concelho de Guimarães.

E' um dos santos mais populares do nosso reino; foi o Apostolo d'Entre Douro e Minho, e a villa de Amarante o theatro das suas gloriosas acções.

S. Theotónio, que foi abbade da igreja de Vizeu, e 1.º prior de Santa Cruz de Coimbra. Nasceu na freguezia de Ganfei, aldeia de Tardinhade, proximo de Valença, e não em Tuy como querem alguns.

D. Affonso Henriques e Dona Mafalda veneravam tanto este santo, que lhe vinham pedir a benção de joelhos, e ás suas orações se attribuia a tomada de Santarem, bem como outras gloriosas emprezas contra os infleis que occupavam Portugal.

Apesar d'isso, nunca S. Theotónio adulou as magestades reaes, com menos cabo da dignidade sacerdotal, como o mostra o facto seguinte.

Estando um dia em Vizeu para celebrar missa, mandou-lhe a rainha Dona Thereza recommendar por um pagem que a dissesse depressa. Respondeu Theotónio:—Dize á rainha que no ceu ha outra rainha melhor e mais nobre que ella, para a qual me preparei a celebrar este mysterio, e que a rainha pôde esperar; se não, que se vá embora.

Disse a missa com toda a pausa e devoção. E no fim a rainha foi lançar-se aos seus pés e pedir-lhe perdão.

Na freguezia de Ganfei, onde nasceu S. Theotónio, houve um grande mosteiro beneditino, que, destruido pelos mouros, foi reedificado no seculo XI por S. Ganfrido, d'onde tomou o nome a freguezia. S. Ganfrido ou Ganfei foi abbade d'este mosteiro, onde está sepultado.

S. Fructuoso Gonçalves, que nasceu na freguezia de Constantin de Panoias, onde foi abbade, tendo sido conego regente de Santo Agostinho, e prior do mosteiro de Caramos.

Em Constantin se conserva e venera a cabeça d'este santo, que tão devotamente respeitou D. frei Bartholomeu dos Martyres, Arcebispo de Braga, em occasião de visita a esta freguezia.

Estes santos, que deixamos apontado, serão sempre a gloria immorredoura da Igreja bracharensense.

P.º JOÃO VIEIRA NEVES CASTRO DA CRUZ.

OUTRO MANUSCRITO

O seisma da Igreja de Braga

(Continuato do n.º 6)

FACTO 3.º

Fallecimento de Cunha Reis

CINCO mezes, e oito dias durou a luta entre o Vigario legitimo Cunha Reis e o Intruso Loureiro, até que em 22 de setembro do mesmo anno de 1834 falleceu na sua Quinta da

Bacaria o primeiro, ficando só no campo o segundo.

REFLEXÃO

Omissão notavel do Cabido

Se nesta conjectura acordassem os Conegos do seu letargo, e tratassem logo

modo tivessem punido o seu erro, e cumprido com o seu dever; porem nada disto se fez: o mesmo temór que ao principio os constituiu prevaricadores, os conservou agora insensíveis, e inactivos.

Correu o tempo prescripto a este remedio, e a Igreja de Braga, vio infelizmente perder-se a opportuna occasião

reiro a Lisboa para assistir ás Côrtes, para as quaes tinha sido eleito deputado. Delegou o Governo em seu irmão Antonio Loureiro, que no fim da semana da Paixão do referido anno se tornou, e se fingiu louco, e resolveu retirar-se da cidade, o que verificou em o dia 29 de Março do mesmo anno, encarregando o despacho, até que Pires Lou-

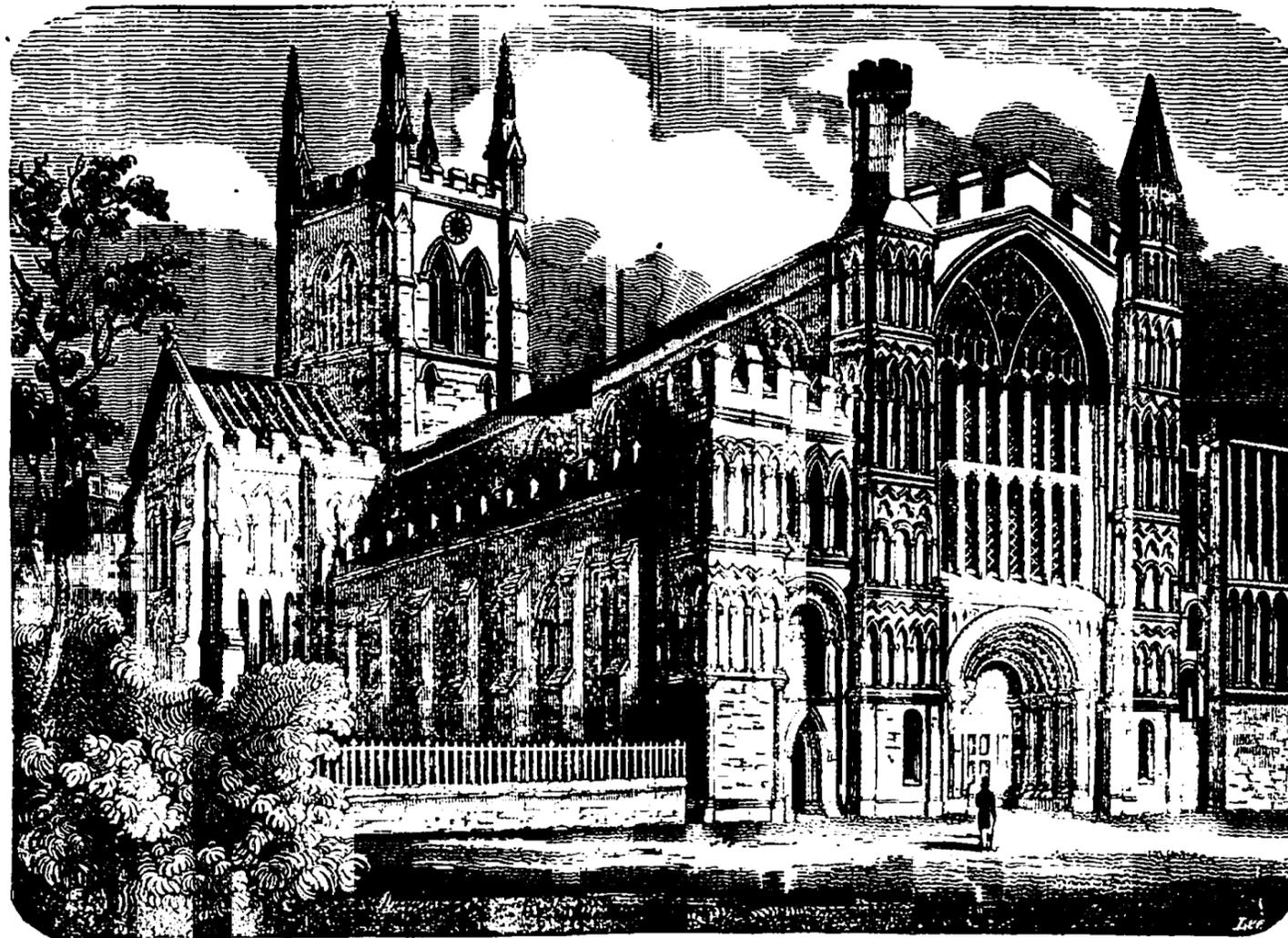
da sua subdelegação, e exigio d'este a entrega da Secretaria: Ferreira, reputando Mattos intruso, recusou-se a esta entrega: excommungaram-se um ao outro, e Mattos tomou o expediente de arrombar com a chave do conselho a casa da Secretaria. Principiou Mattos o seu Governo, exercendo todos os actos da jurisdicção ordinaria até a chegada de Loureiro a esta cidade de Braga, o qual, reassumindo o Governo da Diocese, pôz fim e termo ao de Mattos.

REFLEXÃO

O Cabido Bracarense, estando persuadido (ainda que erradamente) que Loureiro era verdadeiro, e legitimo capitular, mostrou n'esta occasião, que a sua logica era muito defeituosa; pois que de um principio verdadeiro, pela má applicação que delle fez, deduzio uma falsa consequencia. E' sim um axioma juridico, que o delegado não pode subdelegar, sem para isso ter do superior especial facultade. Mas errou o Cabido concluindo d'este principio, que na ausencia, retiro, ou molestia do delegado de Pires Loureiro, a elle Cabido pertencia nomear substituto, que supprisse a falta d'aquelle Capitular durante a sua ausencia.

Nomear quem haja de reger uma Diocese é um acto de jurisdicção, cujo exercicio tinha o Cabido demittido de si, e transferido a Pires Loureiro, quando o instituiu Vigario Capitular, e n'este residio em quanto não fosse d'elle privado, ou por morte ou por demissão canonica, consequentemente a elle Loureiro, e não ao Cabido, pertencia reformar a sua delegação, nomeando outro delegado, que na falta do primeiro, continuasse na administração da Diocese, em quanto durasse a sua ausencia: esta é a doutrina universalmente ensinada pelos Canonistas e já expressamente declarada pela sagrada Congregação do Concilio (1).

Donde resulta que Mattos, assumindo o Governo Espiritual da Igreja Bracarense sem legitima missão, foi um intruso, e se constituiu iniquo invasor da jurisdicção da Igreja, que é um dos seus bens mais preciosos, e consequentemente incurso nas penas canonicas, e excommunhão maior reservada ao Papa, fulminada pelo Concilio Tridentino (2). Notem os leitores esta especie, que a seu tempo nos hade servir (3).



INGLATERRA — CATHEDRAL DE ROCHESTER

de corrigir o seu desacerto e reunidos em Cabido fizessem uma retratação formal do seu primeiro erro e procedessem a dar por uma eleição regular, livre e canonica, um verdadeiro successor ao fallecido Cunha Reis, dando conta de tudo isto ao Governo por meio d'uma muito humilde e respeitosa representação, allegando os motivos urgentes, e as causas legaes, que os compelliam a esta necessaria reparação da sua primeira desordem; talvez que por este

de obter um prelado legitimo que podesse reparar seus males (1).

FACTO 4.º

1.ª Parte

Primeira eleição de Manoel Ignacio de Mattos

Em Janeiro de 1836 dirigiu-se Lou-

(1) Por esta omissão perderam os Conegos pro hac vice o direito de eleger, e a eleição ficou devolvida ao mais antigo bispo dos suffraganeos—Trid. Sess. 24—cap. 16.

reiro providenciasse, a Antonio José Ferreira.

Houve grande contestação sobre esta subdelegação e julgou o Cabido, que não podia o delegado subdelegar; a elle é que pertencia eleger sugeito, que substituisse Pires Loureiro durante a sua ausencia; e passou a eleger Vigario Capitular interino a Manoel Ignacio de Mattos em 30 de Março, ou principio de Abril seguinte. Mattos, que se julgava canonicamente eleito, depóz a Ferreira

(1) Guart de Benef part. 5.º cap. 7. num. 23. Fagnan in cap. Hisque 11 de majorat obdient n.º 74.

(2) Sess. 22 de reformat cap. 11. a qual contra estes intrusos foi citada por S. Santidade na Allocução em consistorio secreto de 1.º d'Agosto de 1834.

(3) Sendo nulla, como realmente era, a eleição de Loureiro, nem por isso deixou Mattos de ser um verdadeiro intruso, e o seu Governo uma usurpação: porque os Eleitores ainda não tinham recuperado o direito de eleger, perdido pela omissão já acima ponderada; e tambem porque foi eleito somente por cinco conegos legitimos—Arceidiago, Pontes, Rebello, Mattos e Cruz, metade somente do numero, que os Estatutos exigem para a validação, e vigor dos actos capitulares.

FACTO 5.º

1.º Parte

Eleição de Antonio Bernardo da Fonseca Moniz

Continuou Manoel Pires Loureiro na sua intrusão até ao meio de Junho de 1836, em que se ausentou de Braga, sendo removido para Vizeu. Convocando-se então o Cabido para lhe dar successor, foi proposto á eleição, ou nomeação, Antonio Bernardo Moniz, na mesma forma que tinha sido Loureiro, isto é como determinado pela Rainha com exclusão de qualquer outro. Moniz havia até este tempo governado a Igreja de Coimbra como Vigario Capitular eleito pelo cabido d'aquella Cathedral, e veio agora assumir o Governo da metropole, e ser n'ella instituido Vigario Capitular pelo Cabido Bracarense, o que se verificou em 25 de Junho de 1836, a cuja Diocese presidio até 13 de Setembro do mesmo anno.

REFLEXÃO

Nullidade d'esta Eleição

Deixando o Cabido pelo fallecimento do Cunha Reis de eleger Vigario Capitular dentro do praso, que lhe era prescripto, constituiu-se *omisso* e consequentemente no preciso caso em que o Tridentino devolve a eleição ao mais antigo Bispo dos suffraganeos.

Inhibido, pois, o Cabido de eleger *pro illa vice*, a eleição do Moniz foi incompetente, e arbitraria, e formalmente contraria ao Concilio. Mas quando lhe faltasse esta illegalidade, apparece outra não menos irritante e é recahir esta eleição em um individuo, que se constituiu, e excommungado, pela sua intrusão, e usurpação do Governo Espiritual da Igreja de Coimbra.

Accresse mais a falta de liberdade, que tiveram os eleitores, por serem constrangidos e eleger certa e determinada pessoa. Fica por tanto evidente, que esta eleição foi absolutamente irrita, e anti-canonica: 1.º pela incompetencia dos Eleitores. 2.º pela indignidade do Eleitor. 3.º pela coacção que n'ella houve.

Resultando tambem aggravar o Cabido e a sua inhabilidade para eleger, e em que se achava já constituido pela anterior *omissão*. Foi por tanto Moniz o 3.º intruso, que esta infeliz Metropole teve de soffrer até 13 de Setembro do mesmo anno de 1836.

(Continúa).

Lisboa—1884.

P.º ALFREDO ELVIRO DOS SANTOS.

Sessão Critica

COISAS! COISAS!

LEMOS ha poucos dias na *Cruz e Espada*, valente campeão catholico, que se publica em Braga, uma noticia que de tristeza nos deixou a alma cheia, e ateou em nosso peito a chamma da indignação, contra as hordas de selvaticos reformadores, que, sem compaixão pela miseria, sem amor pela velhice, obrigaram á despejar um convento, pobres senhoras sem abrigo, sem pão, em um estado de não poderem grangear o necessario para viver.

Chamam-nos depois inimigos do progresso, amantes dos tempos do obscurantismo, e inimigos da liberdade!

Nós somos inimigos do progresso, mas é d'esse progresso, que vendo a Falperira e outras serras do paiz sem ladrões, e julgando isso um mal para o paiz, exerce o mesmo mister nos locais onde n'outros tempos se preparavam *passaportes* para os salteadores.

Nós somos amantes dos tempos do obscurantismo, mas é d'aquelle obscurantismo que nem se illuminava com as fogueiras sopradas pelo odio revolucionario do Marquez de Pombal, nem com as que o odio da mesma especie atheou em Alcoy, Cartagena e Paris. Nós gostamos mais dos tempos *obscuros* em que o facho que alumiaava o mundo civilisado era o da fé, e detestamos o seculo das luses illuminado pelo petroleo.

Nós somos inimigos da liberdade, mas é da liberdade que os revolucionarios tomaram para roubar os bens da Igreja, para expor em meio da praça publica pobres senhoras, que outra protecção não tinham que os muros do convento, que outros recursos não possuiam para viver, que os bens que por direito lhes pertenciam. E' contra essa liberdade que nós nos revoltamos, é contra ella que censuramos, é contra ella que sempre nos pronunciamos aqui, no alto d'esta tribuna da imprensa, e diante dos despotas se tanto for preciso, que em nome da liberdade oprimem um povo; que em nome da igualdade tiram o necessario ao pobre para viverem elles na abundancia, no luxo, que humilha; que em nome da fraternidade acalam com as unicas instituições onde melhor se observava a fraternidade.

Somos inimigos da liberdade que tira o seu a seu dono, e tanto nos revoltamos contra o landido que pela bocca do seu bacamarte nos impõe a ordem de lhe entregar o que levamos na algileira, como nos revoltamos contra os governos que á força de decretos ou portarias se apoderam dos bens das pobres freiras, fecham as portas á miseria, apagam o fogo da caridade. E mais nos revoltamos

contra estes porque aquelles, os bandidos, roubavam muitas vezes por necessidade, e arriscavam-se a ter como resposta ás intimações uma carga de pólvora e ferro, ao passo que estes, os dos decretos, teem as bayonetas, e além das bayonetas, as cadeias, os presidios de Africa, que é o que reservariam a quem não cumprisse as leis do Estado, as leis, que por irrisão se dizem feitas segundo a vontade popular.

Vamos, porém, á noticia que extraiamos da *Cruz e Espada*, e pasme-se de que, se não fosse a caridade christã, duas senhoras que tinham gasalhado e pão n'um convento, morreriam de fome.

Eis a noticia:

«Caridade Christã.—E' com a maior satisfação que publicamos a seguinte lista de receita e despeza, enviada a esta redacção pelo Ill.º sr. Francisco Joaquim Garcia, alma Lemfazeja e dotada de todas as virtudes christãs.

Relação dos ex.ºs Lemfeitores, que se dignaram subcrever para a sustentação no anno transacto de 1884 de tres senhoras seagenarias, que por occasião da extincção do convento da Penha foram caritotivamente recolhidas no convento dos Remedios d'esta cidade, onde ainda hoje existem.

Saldo do anno anterior.....	17\$800
Arcbispo Primaz.....	43\$200
D. Manoel Martins Alves Novas.....	6\$000
Conde de Bertandos.....	6\$000
Governador civil.....	18\$000
Conego Antonio Lopes de Figueiredo.....	4\$500
Alf. de S. Pedro de Maximinos.....	6\$000
Fernando Castiço.....	6\$000
Dr. Joaquim José Malheiro da Silva.....	3\$600
Antonio Joaquim d'Oliveira Brandão.....	6\$000
Commendador Domingos José Ferreira Braga.....	6\$000
Manoel José da Conceição Rocha.....	6\$000
Joaquim José Fernandes....	6\$000
Antonio José Pereira.....	6\$000
Antonio Joaquim Moreira...	200
Francisco Joaquim Garcia...	6\$000
	<hr/> 147\$300

Foi ás ditas senhoras entregue em mensalidades de nove mil réis....	108\$000
Para a festa da Paschoa.....	2\$400
Para a do Natal.....	3\$000
	<hr/> 113\$400
Saldo a favor para 1884.	33\$900
Braga 16 de Janeiro de 1884.	

O encarregado,
Francisco Joaquim Garcia.»

Aparece na imprensa de Portugal, aqui ha certos tempos, um certo sabujismo

creançolla, que, sem nada saber de jesuitas, e só pelo que lhes dizem d'elles, a uns o mestre macaqueiro na Universidade, a outros o criado de algum botequim fronteiriço, vem alardear conhecimentos historicos em desabono de uma instituição a quem a humanidade mais deve.

Não acontece o mesmo em Hespanha, onde as columnas dos jornaes não são confiadas a creanças e onde quem escreve sabe o que escreve, fazendo realçar a verdade seja em prol de quem quer que seja.

A *Ilustracion Espanola y Americana*, um dos jornaes mais bem conceituados da visinha nação, publicava ha dias um formoso artigo, firmado pelo laureado escriptor José de Castro y Serrano, no qual, referindo-se ao mosteiro de Loyola em Hespanha, dizia:

«OU COMO O MOSTEIRO DE LOYOLA, BERÇO DA COMPANHIA QUE Q'ASI GOVERNA E CIVILISA O MUNDO.»

Quando um homem como D. José de Castro e Serrano diz isto dos jesuitas, que hade a gente chamar aos que em Portugal d'elles dizem mal?

Será de mais chamar-lhes pedantes?

UM LEITOR DE GAZETAS.

Secção Litteraria

DEUS E A NATUREZA

Vós, ó aves, que voais pelos espaços do ar; vós, peixinhos, que nadais nas salsas aguas do mar;

Vós insectos, que zumbis por entre as mimosas flores vermelhas como os rubis, brancas, roixas, de mil cores;

Vós, ventos que sopráis ledos balouçando as debeis plantas; e vós, bosques, arvoredos, onde tu, roixinol, cantas;

Vós, fructos, que assim pendeis dos verdes ramos tão bellos, e vós, flor's, que recendeis aromas finos, singellos;

amo-vos. O' Natureza quem não ama os teus encantos? Quem, ao ver tua belleza, não ergue a Deus hymnos santos?

Quem, ao ver-te, não esquece por um pouco as suas dores? Quem não julga e lhe parece o mundo um mundo de amores?

amo-te, ó Natureza, e adoro Quem te creou; Quem te deu tanta belleza, e Quem a luz te doou.

Adoro a Deus, que me pôz de ti no meio e me deu

uma alma que vòs após encantos que vêm do céu

Tu, meu canto, pobre, indino d'esse Deus, vac, sobe e vòs de envolta co'o grande hymno que a Natureza Lhe entòs.

E. E. P.

AVENTURAS D'UM SOLITARIO

(Versão—D. Hieron. lib. III ep. III)

Vos narrate posteris, idem, ibidem.

MARONIA é uma aldeola a trinta milhas quando muito, para as bandas orientaes d'Antiochia, cidade da Syria. Quando na minha mocidade morei por essas paragens, havia passado o senhorio de Maronia, depois de muitos outros senhores ou patronos, para as mãos do bispo Evagrio, meu intimo, de quem aqui faço commemoração, para bem constatar d'onde colhi estes dados.

Morava pois n'aquella terra um velho de nome Malcho, que em latim soa como — rei, syro de nação e lingoa, um verdadeiro *αυτογ'ωυ* (1). Com elle vivia uma velhinha, decrepita e tam com os pés na cova que muito se admirava a gente como ambos tanto s'esmeravam ainda nos deveres religiosos, e assim trilhavam o limiar da igreja que mais pareceriam Zacharias e Isabel, se Deus lhes houvesse dado um menino João. Movido de curiosidade perguntei um dia aos visinhos, quaes laços uniam aquelle par, se os do matrimonio, da consanguinidade ou do espirito: e todos á uma responderam «é gente santa, a Deus muito aceita», e não sei que outras cousas mysteriosas.

Mais irritada que satisfeita a minha curiosidade, cheguei á falla com o proprio velho, e d'elle sube então a verdade das cousas nos seguintes termos:

Eu era, filho meu, disse o ancião, um camponez de Maronia, e o só filho que meus paes tiveram; aos quaes houve de manifestar, quando pensavam prender-me no matrimonio a mim, unica vergonhea da nossa geração herdeiro unico da familia, que a minha resolução era entrar monge. E conhecereis de quantas ameaças o pae, e blandicias a mãe usou para abalar-me a constancia, sabendo que cheguei ao extremo de fugir dos parentes e da patria. E como me era vedado caminhar a oriente, por conta da visinhança da Persia e guarnição dos soldados romanos, voltei de rumo a occidente com uma pequena trouxa ou farnel, que apenas daria com que não morresse de fome.

(1) Filho da terra.

Depois de varios successos, arribei finalmente ao ermo de Chalcidos, entre Imma e Essa, um pouco para o sul. Ali m'encontrei no meio de santos solitarios, ao magisterio dos quaes me confiei, começando por ganhar com as mãos o pão de cada dia e pôr com repetidos jejuns freio á concupiscencia da carne.

Já bastantes annos tinham decorrido quando me assaltou certo desejo de regressar á patria: era para levar consolações á desolada mãe que ainda vivia na sua viuvez—que já meu pae tinha fallecido,—para, vendido o pequeno patrimonio, repartir com os indigentes uma parte, conduzir outra ao mosteiro, e a terceira—força é confessar a minha infidelidade! reservai-a para meus particulares arranjos. E logo começou d'exclamar o meu abbade, que visse d'aquillo uma cilada do inimigo: a pretexto de um honesto negocio e á sombra d'elle jaziam os laços do antigo seductor: que era o cão voltando ao vomito: que por taes artes outros monges foram illudidos: que finalmente pensasse bem, que nunca o diabo atacava a descoberto.

Muitos exemplos me propoz da Escripura, entre outros o de Adão e Eva seduzidos pelo engodo de virem a ser deuses.

E sendo como eram inuteis tantas razões, de joelhos m'exorou não o abandonasse correndo á propria perdição: que não olhasse atraz quando impunhava o arado.

Misero de mim! Venci, alcancei do meu santo monitor aquella triste victoria, querendo illudir-me com o pensamento que a tanto zelo o não movia a salvação de minha alma, senão o desgosto do proprio abandono.

Acompanhando-me como se fóra a um morto á saída do mosteiro, despediu-me com estas palavras: «Filho, ver-te-ei um dia marcado com o sello de Satanaz: não inquiri rasões nem valem desculpas. Ovelha escapada do aprisco vai exposta ao dente dos lobos.»

Perto da estrada de Beria a Essa jaz uma solidão pela qual vagueam sarracenos sem casa nem pousada: e o temor d'este logar infamado obriga a reunirem-se em caravana os viajantes, para conjurarem o perigo com o mutuo auxilio. Na minha tropa caminhavam homens, mulheres, velhos, moços e meninos em numero quasi de setenta. Subito acommettem-nos os ismaelitas cavalgando em camelos e ginetes, os cabellos atados, o corpo seminu, de albornos e amplo calçado militar. Do hombro pendem-lhe aljavas, vibram os arcos laxos e longos piques; não corriam elles a batalhar, senão a saquear. Involvidos, dispersos, vemo'nos arrebatados por diversos donos e para partes diversas conduzidos.

Pormim, herdeiro ha muito impossado

e tardiamente arrependido de semelhante passo, caiu-me em sorte com outra mulhersinha, o serviço d'um amo. Eis-nos conduzidos ou antes carregados em altos camelos, e lá vamos por immenso deserto, mais pendentes à guisa de carga, que sentados como gente. Comida, carne quasi crua, bebida, leite de camelo. Finalmente tendo atravessado espaçoso rio, penetramos na solidão interior, onde, segundo o costume do paiz, tiveinos d'adorar, vergando a cerviz, a senhora e os meninos.

(Continúa.)

Secção Illustrada

Cathedral de Rochester

A PEQUENA cidade de Rochester, na Inglaterra, condado de Kent possui uma das melhores cathedraes do mundo, e das mais antigas das illas britannicas.

Fundada em 1077 pelo rei saxão Ethelred, logo apoz a sua conversão ao catholicismo, foi pouco depois destruida em parte por um incendio, sendo desde logo reparada.

Quando, porém, se fizeram n'ella obras importantes foi depois da morte de S. Guilherme, que, com fumes de santidade em vida, principiou a merecer os respetos e devoção dos povos, operando-se por sua intercessão muitos milagres, que eram recompensados com avultadas esmolas. Assim se elevou um monumento famoso, uma obra que ainda se admira, e se aponta como das mais notaveis. Este santo esta sepultado na cathedral, onde tambem se observam os tumulos que encerram os restos mortaes de varios homens illustres e varões santos, taes como S. Paulino, e Gondolpho, Bispo, a quem a cathedral de Rochester deve grandes obras.

E' esta cathedral de estylo normando, coroada de ameias como todas as edificações religiosas da idade media, que serviam de templo ao mesmo tempo que de baluarte onde se refugiavam os christãos em épocas de invasão.

Muitas são as transformações porque tem passado este soberbo edificio, mas, pelo perpassar dos seculos, attesta ainda a sua grandeza, e a magestade com que n'outras éras se levantavam templos ao Deus vivo.

A nossa gravura dispensa-nos de grandes detalhes; tal é a exactidão com que está executada.

Lembramos aos encadernadores o meio que hoje é usado para prender as gravuras de duas paginas, sem que a linha as passe de um a outro lado.

Secção Bibliographica

OS FRADES

Como a Imprensa recebeu o livro de J. de Lemos

IX

Os Frades.—Quem diria que em pleno anno de 1883, n esta extrema nação occidental da Europa continental, se havia de dar a estampa um livro, e livro precioso sem duvida alguma, em que se apresentariam a «defeza, justificação e apologia insuspeitissimas» das ordens religiosas, combatidas com tanta sanha, tanto odio, tanto rancor por toda a liberalaria *soi-disant* illustrada e tolerante?!

Mas quem offerece essa defeza, justificação e apologia d'umas instituições que ja não são d esta epocha de luz, civilização e progresso? Um poeta distinctissimo, um cavalheiro a toda prova, mas, a final de contas, um *caturreta mi-guelista*.—João de Lemos!

Alto lá, senhores liberaes: o tam mavioso lyrico portuguez como vigoroso jornalista combate-vos com as vossas proprias armas; isto é, vae ao vosso mesmo campo buscar os argumentos em defeza dos frades, porque tem tanta força a verdade, que, em horas de lucidez de espirito e candidez de coração, se impõe irresistivelmente ate áquelles que impoer ordinario costumam cerrar-lhe os olhos d'alma.

São *insuspeitissimas* essa defeza, justificação e apologia, por quanto são feitas por sumidades dos vossos arraiaes: as testemunhas chamadas a depor na causa dos frades, são nada menos que o visconde d'Almeida Garrett, Antonio Feliciano de Castilho, Alexandre Herculano, Pedro Diniz, Silvestre Pinheiro Ferreira, o proprio governo liberal, o «Diario de Noticias», o «Jornal da Noite», Camillo Castello Branco, o atheu Lalande, o protestante Adam, a protestante «Tribuna» de New-York, o protestante Leuzmann, d'Alambert, Gomes d'Amorim, Rebello da Silva, o apostata Lamennais, o anglicano William Coxé, o protestante Magdalen, Gutzloff, Le Couvayer, Edgar Quinet, Lenormant, Paulo Lamache, Bayle, Theiner, Voltaire, Gibbon, Hume, Leibnitz, Bourgois, Patter, Galvino, Muller, Schoell, Schlower, Ranke, etc., etc., Joaquim Martins de Carvalho, redactor do «Comimbricense», que nos ultimos tempos tem sido um encarnigado adversario, insultador e calumniador das ordens religiosas!

Os depoimentos de tantas e tão grandes testemunhas são de facto insuspeitissimos, e todos elles, directa ou indirectamente, favoraveis aos institutos religiosos.

R. E com effeito, é forçoso que a paixão

cegue completamente o entendimento e perverta de todo o coração, para se negarem os grandissimos beneficios que a humanidade deve ás ordens religiosas. Todas as objecções que se fazem contra estes institutos em geral, e contra alguns em particular, e que se bascam nos seus abusos, podem resolver-se com uma só palavra: que esses abusos, estranhos ao espirito d'essas religiões, opostos ás proprias leis que as regem, são sempre reformaveis pela Igreja, e que não cabe na alçada do poder civil, a luz do direito e da justiça, extinguil-as e expoliar-as.

Entre essas congregações, votam-se umas ao exercicio das obras de misericordia, e a ellas deveu o Evangelho os seus mais rapidos incrementos, pois ajudaram a conversão dos povos pela estima, respeito e amor que lhes inspiraram para com a lei divina que as gerara. E o que succedeu outr'ora succede hoje, porque, mercê de Deus, o espirito christão ainda se não extinguiu no mundo.

Ahi estão, por exemplo, as Irmãs de Caridade, sublime fundação de S. Vicente de Paulo, gloria da religião e triumpho da humanidade; as Irmãs da Caridade, cuja incessante beneficencia, cujo heroismo na pratica das virtudes conquistam a admiração e o respeito em toda a parte, excepto no meio da *liberalada* d'este cantinho da Europa!

Outras sociedades religiosas de ambos os sexos dedicam-se a educação publica, e aos mais antigos d'estes institutos é que a Europa deve,—o que parece haver-se esquecido,—a conservação das letras, sciencias e artes, que só elles cultivaram por espaço de alguns seculos. Nas suas regras nao ha outro alvo que a gloria de Deus, o bem da patria, a salvação das familias e dos particulares, realisando assim, nos paizes catholicos, o desejo de Platão, que não separava da idéa d'uma republica perfeita a de um corpo de mestres votados por estado á educação da juventude.

Consagram-se outros institutos religiosos ás missões; e, unicamente occupados nos estudos sagrados e nos meios de estender entre os povos o grande preceito do amor de Deus e dos homens, continuam os membros d'esses institutos a cumprir, sem interrupção, o ministerio dos Apostolos. E que maior ministerio que o de espargir a luz divina sobre povos assentados a sombra da morte? Diga o mundo illuminado pelo facho da fé, digam todos os homens despidos de odio e paixão, se não são os missionarios os verdadeiros operarios da civilização e do progresso?

Votam-se, finalmente, outros institutos á contemplação das verdades eternas. Adorar e amar a Deus, orar pela

paz da Igreja, do Estado e das familias, será acaso coisa condemnavel, não será antes obra sobremodo meritoria? Essa vida de contemplação, penitencia e mortificação, não será summamente proveitosa não só aos que a levam, senão também à sociedade em que existem? Qual a maior aspiração do homem senão a felicidade, e onde está a verdadeira felicidade senão na eterna beatitude? E por ventura não será util à sociedade que haja quem de continuo rogue por ella, em tanto que ella se acha absorvida pelos cuidados dos negocios civis e domesticos?

Não são d'esta epocha as ordens religiosas, e ellas florescem nos paizes mais adiantados em civilisação, e onde se dá à liberdade a sua verdadeira e pura significação. Portugal catholico, mas dominado pela maçonaria, que aliás proclama a *liberdade de consciencia*, não reconhece, rejeita as ordens religiosas; a França catholica, mas opprimida pela revolução, expulsa-as do seu seio, e a Inglaterra protestante, e os Estados-Unidos indifferentistas, admittem-nas no seu territorio, protegem-nas até, e não tremem pela causa da liberdade... como os liberdadeiros portuguezes!

Pois soceguem; irmãos: leiam *Os Frades* com animo despreoccupado, e, já que não querem submeter-se à razão quando patenteadas pelos rearcinarios, submettam-se-lhe quando apresentada pelos vultos eminentes do seu campo.

Leiam todos, leiam tambem os catholicos o bello livro do ex.^{mo} snr. João de Lemos, publicado pelo zeloso editor catholico o snr. Teixeira de Freitas, e entenderão muito que aprender e verão dissipados muitos preconceitos infundados, e outros colherão argumentos esmagadores e insuspeitissimos com que impugnem as argucias e calumnias dos petulantes ignaros e odientes que lhes falem em desabono das ordens religiosas, fructos espontaneos e saluberrimos da arvore frondosa do Christianismo.

Só a ignorancia ou a má fé podem combater as ordens religiosas, que a Igreja ama e que são a sua mais valerosa e fiel milicia: dissipa-se a ignorancia com a luz da verdade; em quanto à má fé, essa é cega porque fecha os olhos à claridade do sol no meio dia. A esta nada ha que fazer. Para illuminar aquella, ali está o facho brillantissimo dos *Frades*. Louvores mil a quem o accendeu, e a quem o lançou aos ventos da publicidade.

A. MOREIRA BELLO.

(*Cruz e Espada*, de Braga, de 13 de outubro de 1883).

Está concluida a 3.^a edição d'esta obra, notavelmente augmentada e revista. Preço 300 réis, franco de porte. Pedidos a Teixeira de Freitas — Guimarães.

DECLARAÇÃO IMPORTANTE

Depois de composto o primeiro artigo da nossa folha fomos informados, por pessoa competente, de que não foi a mesa da Ordem Terceira, mas sim alguns dos seus membros quem praticára o acto que no mesmo nosso artigo verberamos. E gostosos fazemos esta declaração, porque havendo na mesa da Ordem Terceira pessoas bastante esclarecidas, não deve sobre ellas cabir uma censura que só a má fé e a ignorancia merecem.

A REDACÇÃO.

Retrospecto da quinzena

CONGRESSO: — Realizou-se em Lille (França) outro Congresso Catholico, e foi este regional ou respectivo aos Interesses Catholicos na região de Lille; que foi importante é mesmo confessado pela imprensa revolucionaria, pois que esta se incommodou com aquella reunião; os Catholicos vam seguindo seu caminho, é o que têm a fazer; Deos está com elles! O novo importante facto, a que alludimos n'estas linhas, verificou-se n'estes ultimos dias de janeiro.

PARLAMENTO: — Em uma das ultimas sessões da Camara dos deputados disse o senhor José Dias: «que a liberdade religiosa a queria amplissima, mas por forma alguma a liberdade da associação religiosa.» Como se pôde crer que sejam sãos os desejos de liberdade quando elles se apresentam com aquella restricção? o que se pôde esperar da direcção superior governativa de um politico quando este Paiz Catholico avança o que hoje não seria avançado n'um Parlamento Turco? que homem é o homem que se manifesta mais ferrenho contra a associação religiosa do que se mostrariam hoje os homens de trinta e quatro? e como pôde o mesmo homem politico atrahir a si a Nação portugueza, quando apresenta uma injustissima exclusão que nem mesmo por todos os seus amigos politicos é accitada? que cegueira ou triste calculo é esse, que vendo a Sociedade apodrecida por sua desmoralisação, ousa pronunciar-se contra a liberdade de associação religiosa? um Bismarck da primeira edição, de ferro ou de folha, nem mesmo cabe aqui!

PAREDE: — Os *sergents de ville*, este corpo policial de Pariz fez parede por causa de um artigo de uma nova lei, que elles julgaram ser-lhes lesivo. Cada um pergunta, em que estado está a anarchia em França, filha do seu Governo republicano, para que se dê em alto dia o escandalo de uma tal ordem? Só uma Republica assim seria capaz de produzir a greve ou parede de um corpo de poli-

cia! que desconceito só de isto não resulta para aquella Republica ja antes desconceituada! A' parede dos cocheiros em Pariz seguiu-se logo a parede dos *sergents de ville*, mas por muito que fossem esperados actos de tal especie, a greve dos *sergents de ville* nunca foi calculada; e outras cousas não calculadas apparecerão em Pariz! A imprensa republicana não podendo esconder o facto, nem negar-lhe a importancia, busca-lhe a origem onde lhe parece, sem que se atreva a reprehender aquelle corpo de muitos milhares de homens armados e que não gostam da Republica.

BALEARES: — Segundo noticias de estas ilhas, de 25 de janeiro de este anno, a esquadra ingleza, debaixo do commando de S. A. Real Duque de Edimburgo e filho segundo de Sua Magestade Britanica, levantou ferro das aguas de aquellas ilhas, ou perto de Palma, com destino não conhecido do publico. Tinha-se dito que esta mesma esquadra viria a Lisboa depois de deixar Vigo, mas passou do Oceano para o Mediterraneo deixando o Tejo ao largo; não deixa de ser notado o quanto ha tempo para cá os navios de guerra inglezes deixam de entrar e ancorar nas aguas tejanas.

ALLEMANHA: — Os venerandos Bispos de Limburgo e Munster, perseguidos pelo *Kulturkampf*, viram cessada a perseguição e acham-se já no meio dos seus rebanhos, graças a Deus! O regosijo com que foram recebidos nas suas Dioceses é indescriptivel, e o Governo de Berlin com o seu Imperador viram n'aquellas manifestações o que só ellas eram ou as almas dos catholicos na expansão de filhos para com seu Pai «com Jesu-Christo!» Nos proprios protestantes honestos houve satisfação pois que mesmo a estes foi sempre repugnante o *Kulturkampf*. O Imperador Guilherme e o seu Chanceller Bismarck têm a consciencia de que no Imperio germanico não ha melhores cidadãos que os Catholicos, pois que obedecem sempre aos seus superiores, salvo quando entre estes haja quem exija de elles «obedire hominibus quam Deo» ou obedecer aos homens antes que a Deos.» A Doutrina Santa é immutavel e os verdadeiros seguidores sam o mesmo em toda a parte; assim é, assim foi e assim será!

PARIZ: — Ha na capital da França uma via chamada *boulevard d'Enfer*; o republico Conselho Municipal de Pariz tem procurado mudar muitos dos antigos nomes das ruas e vias municipaes, mas aquelle *boulevard* continua a conservar o seu nome; assim sam punidos os livres pensadores, que vcm escripto uma parte do que negam, e sam-no tambem os republicos porque aquelle nome faz

de continuo reflectir no inferno em que elles tem querido tornar todo o Pariz, e em parte conseguido embora as alegrias sem consciencia e infernes.

FRANÇA:—E' incontestavel, que a população não cresce em França, e mesmo vai diminuindo; é tambem incontestavel que assim resulta da Revolução, que por suas leis e costumes, tem por todos os modos ao seu alcance procurado demoralisar e enfraquecer a França, arruinando-a com os seus maçonico-revolucionario-deschristianisadores propositos e factos! DOM ANTONIO DE ALMEIDA.

Em Braga não estão muito contentes os membros das diversas irmandades e confrarias, com a noticia que se espalhou de que o governo tenta pôr em pratica a lei que obrigava as confrarias e irmandades a pagar o quinto dos seus rendimentos, obrigando-as agora a pagar o correspondente aos annos decorridos desde a promulgação da tal lei até hoje. A ser verdade, como parece, diz um nosso collega bracarense, que só a irmandade de Santa Cruz, teria de pagar mais de vinte contos de réis.

Razão de solra tem as irmandades para receios, porque, ainda que os haveres d'estas corporações são sagrados, como o deve ser toda a propriedade, devemos lembrar-nos que os bens dos frades tambem eram propriedade sua, e todavia a vontade dos libertadores tornou-os bens do Estado. A cousa pôde não ser para já; mas não confiar muito: o roubo ás irmandades hade ser feito mais cedo ou mais tarde, e depois adeus culto, adeus bancos onde o pequeno proprietario achava com que acudir ás suas necessidades, e adeus tambem clero, porque quando faltar o dinheiro das irmandades, serão supprimidos todos os legados pios, não se fará caso das obrigações e encargos com que esses fundos, que constituem os bens das irmandades, foram legados; não haverá missas, não haverá as grandes festividades, não haverá nada! Os governos de Portugal terão a gloria de realisar com decretos e portarias, o que os communistas francezes, e os nihilistas russos não tem podido fazer com o petroleo e o hacamarte.

Que espantosissima gloria não cabe a estes nossos estadistas!

Do nosso estimavel collega do Funchal, A Verdade, transcrevemos a seguinte noticia para mostrar no continente como nas ilhas se faz a procissão da Bulla:

«Procissão.—A da Bulla da Sancta Cruzada, que se realiso no domingo, correu com muita ordem. Saiu, segundo o costume dos annos anteriores, da igreja parochial de S. Pedro, levando a bulla sob o pallio o Ex.º Prelado. Ia o Seminario: professores, directores e seminaristas; a auctoridade militar e grande parte da officialidade do corpo de caçadores. Acompanhava a procissão a banda de musica do mesmo corpo e uma guarda d'honra.

Chegada a procissão à cathedral pregou o Snr. Conego Brito um sermão assaz instructivo, fallando da origem e necessidade das indulgencias e consequentemente dos beneficios que a bulla derrama no mundo das almas. Fallou tambem da importancia dos seminarios para mostrar como com tão pequena esmola se pode concorrer para conquistar e prodigalizar attissimos beneficios.»

Encontramos n'um jornal a seguinte noticia, que reproduzimos:

«Parece que não se realisarà o casamento da formosa actriz americana Mary Anderson com o duque de Portland, matrimonio que estava resolvido. Diz-se que a actriz, cujo amor filial iguala à sua belleza, declarou que representará mais algum tempo em beneficio de sua mãe, e que depois se retirará para um convento.»

Infeliz creatura é esta formosa Mary Anderson, pois não é, leitores? Que feliz ella seria, a actriz que tem brilhado nos melhores theatros do mundo, se vivesse n'este jardim d beira-mar plantado! Aqui, onde se não quer convento, onde se decretou a morte da freira, onde é um crime trajar o habito da religiosa!

Infeliz Mary, repetimos. Se viveras aqui, se fosses filha de Portugal, do reino fidelissimo; se tivesses nascido onde nasceram as Mafaldas, tu não irias bater à porta de um convento, para, abraçada à cruz, passares os melhores dias da vida, esquecida do tempo perdido, porque não acharias essa porta que a Revolução fechou.

Ao deixar o palco, ao abandonar para sempre essa vida de libertina, sendo ri-

ca, terieis em teus salões os poetas e gazeteiros da moda para vos comer alguns jantares e para vos applaudir em meio de vossos desvarios; se fosses pobre, terieis abertas as portas dos lupanares, onde fosseis vender os ultimos fragmentos de tua belleza.

Depois a enxerxa do hospital, e o garço galhar estúpido dos que vos adulavam quando formosa, como epitaphio gravado sobre a campa da desgraçada.

Gloria a Portugal que não quer conventos, e ao Snr. Martins do Conimbricense, que, já que não tem outra habilidade, palmeje os feitos dos comillões do que era dos frades e das freiras.

J. DE FREITAS.

O DINHEIRO DE S. PEDRO

Subscrição para as necessidades do nosso Santo Padre o Papa

Transporte do n.º 6	21\$000
Um anonymo de Guimarães, implorando a benção de S. Santidade	500
F. F. de Barcellos	500
Uma senhora, de Coimbra	500

Somma 22\$500

Nos proximos numeros publicaremos a continuação das subscrições para o monumento à Virgem da Sameiro e a Pio IX o Grande.

TEIXEIRA DE FREITAS.

ANUNCIOS

Septenario das Dores de Nossa Senhora

O mais completo e mais usado pelas pessoas piedosas e devotas da Virgem das Dores

1 volume de 47 paginas— preço 60 réis. Envia-se franco de porte a quem mandar a sua importancia em estampilhas a Teixeira de Freitas—Guimarães. Quem comprar 3 exemplares d'este livrinho para fazer propaganda, só pagará 120 réis.

OS FRADES

Defeza, justificação e apologia insuspeitissimas colligidas por J. de Lemos

3.ª edição correcta e augmentada. Acaba de sahir do prelo a 3.ª edição d'esta obra que tem o seu elogio na rapidez com que se esgotou a 2.ª edição. Um volume de 216 paginas em 8.º grando, 300 réis. E' enviado franco de porte. Pedidos a Teixeira de Freitas—Guimarães.

OS AMIGOS DO PROGRESSO CATHOLICO

NOMES DAS PESSOAS QUE GRANGEAM ASSIGNATURAS PARA ESTA REVISTA

Os Ex.ºs Snrs. e as Ex.ºas Snr.ºas:

Abbate Manuel de Freitas Ribeiro	2	Padre Joaquim Dias da Costa Freitas	1
Thomaz Antonio Wenceslau dos Reis Ferro	4	José Gonçalves da Silva	4
Rodrigo da Silva Sanches	9	Manuel Pires Bomfim	10